



MIGUEL FIGUEIRA DE FARIA

ALFREDO
DA SILVA

BIOGRAFIA



BERTRAND EDITORA

MIGUEL FIGUEIRA DE FARIA

CAROLINA PERALTA TREWINNARD, PAULO JORGE FERNANDES
CRISTINA DIAS, PATRÍCIA RODRIGUES

ALFREDO
DA SILVA

Biografia
1871-1942



JOSÉ DE MELLO



BERTRAND EDITORA
CHIADO 2004

© 2004, José de Mello e Bertrand Editora
Todos os direitos para a publicação desta obra
reservados por:

Bertrand Editora, Lda.

Rua Anchieta, 29-1.º

1249-060 Lisboa

Telefone: 210 305 500

Fax: 210 305 563

Correio electrónico: editora@bertrand.pt

Revisão: Eda Lyra

Impressão e acabamento: António Coelho Dias, S. A.
Depósito Legal n.º 211681/04
Acabou de imprimir-se em Maio de 2004
ISBN: 972-25-1357-5

Introdução

Dar a conhecer os empreendedores no domínio da biografia, acrescentando-os ao naipe dos protagonistas habituais deste género literário. Eis o primeiro objectivo a que este trabalho se propõe.

Neste pressuposto, a eleição de Alfredo da Silva como personalidade com direito «à biografia» foi uma conclusão lógica e consensual.

Quando questionado sobre que trabalho me concentrava nestes últimos tempos e respondia que tinha em curso uma investigação sobre Alfredo da Silva, muitos dos interessados comentavam: «o homem da CUF!» Mas num breve inquérito apercebemo-nos que esta memória se circunscrevia a uma faixa etária já estreita, na generalidade fixada acima dos quarenta. O nome do industrial já pouco diz aos mais novos. Num tempo em que se discute, com renovado interesse, a valia do empresário português, parece oportuno oferecer a um público alargado o perfil daquele que, mesmo para os que mais o contestam, foi reconhecido pela obra construída.

A biografia agora publicada surgiu com igual naturalidade na sequência dos trabalhos que vínhamos realizando dedicados à história empresarial.

Em primeiro lugar, porque já havíamos afluído a obra de Alfredo da Silva, no estudo recentemente editado relativo à indústria naval¹.

Sob este ponto de vista, o presente trabalho, recupera e prolonga em alguns aspectos a investigação anteriormente desenvolvida.

Por outro lado, permitiu-nos ampliar a nossa área de intervenção para um género literário, o da biografia, que no contexto da história empresarial rasgava novos desafios que há muito explorávamos noutros horizontes.

A escolha de Alfredo da Silva para uma abordagem biográfica, mas no contexto da sua actividade como empresário, correspondeu, por outro lado, à vontade de trazer ao nível do individual a anatomia da nossa história económico-social de final do século XIX e primeira metade do seguinte.

Na realidade, o avanço visível noutras áreas, da história política à cultural, da arte à literatura, no desenho dos perfis dos seus principais protagonistas, impõem uma redobrada atenção a este domínio de investigação, para que possa ocupar o espaço que lhe é devido.

Particularmente desequilibrado na sua relação com a história política, onde se vêm registando avanços recentes², o arquivo biográfico disponível, relativo aos nossos agentes empresariais, revela-se insuficiente e disperso, o que se torna mais paradoxal num período contemporâneo em que surgem reforçados os elos que unem a actividade económica ao exercício do poder político.

Na realidade subjacente, ou paralela, à trama política, existiu uma outra acção, onde evoluíram personagens de indiscutível influência no processo histórico, sobre as quais individualmente pouco sabemos para este período. Os empresários, os capitalistas, os administradores de sociedades, os accionistas nas suas diversas escalas e capacidade de intervenção, corretores de bolsa, etc., constituem uma nova elite que urge mapear.

Na investigação realizada, a propósito de Alfredo da Silva, surgiram outros nomes, e estruturas de agrupamento, numa construção ainda silenciada de interesses organizados, cumplidades e rivalidades, estratégias e táticas individuais e colectivas, que aguardam uma cuidadosa atenção nas suas relações de equilíbrio e transposição para a derme mais visível da história política.

Henri Burnay, João Baptista Dotti, Martin Weinstein, Eugénio de Mendia, José Henriques Totta, Ernest Empis, Bensaúdes, António Serrão Franco, Pinto Leite (Olivais), Ruy Ulrich, Feliciano Gabriel de Freitas, Mendonça Cortez, Leonardo Torres, Marquês da Foz, Consiglieri Pedroso, são alguns exemplos de personalidades, entre muitas outras, que deixaram itinerários com geração, que é importante encadear num novo ordenamento do passado.

A tarefa de delimitação do acervo a explorar revelou-nos, progressivamente, as dificuldades a enfrentar, desde logo traduzidas na constatação da longa vida pública de Alfredo da Silva, de mais de cinquenta anos de intensa actividade e, sublinhe-se, não apenas empresarial, mas com sucessivas incursões no universo da política.

A necessidade de melhor compreender o seu percurso individual levou-nos mais longe, fazendo a narrativa recuar aos seus antepassados, fixando o início do itinerário na geração dos seus avós paternos, onde radicava a inclinação empresarial e o patronímico Silva que o identificou.

A ambição revelou-se positiva explicando o percurso descrito em espiral por Alfredo da Silva ao longo da vida. Oriundo de um meio onde a solidariedade

profissional se entretencia com a familiar, na tradição corporativa das artes e ofícios, viria a romper com esse passado, vinculando-se a um empreendedorismo mais impessoal, tomando o controlo de sociedades onde a lógica capitalista de agregação tinha outros princípios orientadores. Num segundo movimento, no sentido inverso, regressava à sua cultura primitiva, num estádio mais sofisticado, construindo uma rede empresarial para a posteridade, de novo fundamentada na relação sanguínea, que viria a perdurar como modelo actualizado de empresa de eminente carácter familiar que se manteria na CUF após a sua morte.

A reconstrução da sua genealogia levou-nos, por outro lado, ao reconhecimento de um período da história da cidade, em particular da cultura comercial da baixa pombalina, indispensável a uma mais completa apreensão da personalidade de Alfredo da Silva, que definimos axiomáticamente, à partida, como uma resultante do ambiente daquela zona urbana da Capital. Alfredo da Silva, pese embora o cosmopolitismo adquirido *a posteriori*, é um homem de Lisboa. O acompanhamento da sua vida conduz-nos, inclusive, a uma cidade que agora termina. Os espaços urbanos onde iniciou o seu itinerário empresarial, entre a 24 de Julho (núcleos primitivos das companhias Aliança Fabril e União Fabril) e Santo Amaro (sede e oficinas da Carris), encontram-se, hoje, em profunda transformação e dentro em breve pouco restará dessa Lisboa industrial de Alfredo da Silva. Sob esse aspecto, o presente trabalho permanecerá como memória do percurso do protagonista que, no futuro, será mais difícil de equacionar na paisagem transfigurada que já hoje se anuncia.

Dado o modelo adoptado, o volume documental em análise aumentou exponencialmente, sendo necessário transformar um género literário, normalmente cultivado por um único observador, num trabalho de equipa que se revelou gratificante coordenar.

As vantagens foram evidentes permitindo uma visão plural sobre a mesma personalidade. Estabeleceram-se, porém, linhas metodológicas prévias que convém recordar. Em primeiro lugar a narrativa foi sustentada directamente em documentação, na sua maioria inédita, afastando a opção da história romaneada estreitando o espaço à criatividade literária. A inexistência de qualquer estudo de referência sobre a personagem a isso o obrigava, conscientes da oportunidade, ou da *ocasião* em linguagem mais iconológica, que o compromisso de publicação representava.

Por outro lado, procurou-se combater a muitas vezes patente incapacidade do biógrafo em libertar-se do fim da história e fazê-la ao contrário, ou seja, insistindo na necessidade de obter uma visão real de «cada idade» do protagonista, sem as alicerçar no tempo último que conferiu ao modelo o direito à notoriedade. Essa inclinação, amiúde cultivada, distorce a possibilidade de capta-

ção de uma visão evolutiva da personalidade, justificando a construção metódica do seu passado em concordância com um futuro que nós conhecemos, mas que o herói em cada tempo ignora, e que muitas vezes acidentalmente alcança.

A fixação desta lógica invertida, em que se procura encontrar em cada traço um fragmento metamórfico em desenvolvimento coerente com o final, acaba por mergulhar em valores tão vagos como a predestinação, afastando o lado incidental frequente nos trajectos célebres.

Por outro lado, inibe a capacidade de fixar quadros intermédios mutantes, numa sucessão de estados evolutivos onde a personagem pôde modelar o seu caminho, que é necessário compreender isoladamente antes de proceder ao seu encadeamento, sendo de admitir que a soma dessas novas pesquisas nem sempre produzam um itinerário linear e coerente.

O afastamento dessa visão predeterminada, permitiu-nos a liberdade de apresentar uma personalidade mais humana, muitas vezes condicionada, no imediato, à solidão da sua individualidade, pesando as decisões, enfrentando os próprios conflitos internos, expondo as suas fragilidades, num enriquecimento da sua experiência, que uma visão inteira oculta na cortina do sucesso final.

Seh este aspecto a visão fragmentada, conseqüente dos múltiplos contributos de que o presente trabalho é credor, reforçou essa metodologia estatigráfica, conferindo ao resultado final o teor da complexidade da personagem e do seu itinerário.

Mas este esforço não nos evitou certas contradições. Centrados sobre a personalidade empresarial de Alfredo da Silva, lateralizámos o seu lado mais familiar, se bem que sirva de atenuante o facto de, no caso presente, o homem se confundir com a obra, perspectiva bem patente, no episódio em que Manuel de Mello se lhe apresentou para pedir a mão da sua filha única Amélia, questão à qual o industrial responderia com outra pergunta: «Casa-se também com a CUF³?» Ideia reforçada na memória dos netos para os quais à mesa do jantar «a CUF ou um de nós era igual, era uma espécie de pessoa da nossa família»⁴.

Ficam, assim, por documentar os aspectos mais simples da sua vida quotidiana, os seus hábitos rotineiros e o levantamento das suas paixões — segundo os depoimentos prestados haveria muito que contar — no apuramento de um retrato que a frieza da documentação não permite alcançar. Mas, acrescente-se que essa não era uma prioridade nesta fase do trabalho. Procuramos, no entanto, oferecer o máximo de documentação directa, produzida pelo próprio Alfredo da Silva, escrutinando os momentos em que mais se expõe, com intenção de deixar ao leitor a liberdade da construção do seu próprio ângulo de percepção da personagem.

Mas Alfredo da Silva não seria apenas «o homem da CUF». Ao longo da sua história empresarial esteve presente em etapas importantes da vida de outras empresas. Para além da sua reconhecida intervenção na Casa Totta, que lhe deve capítulo fundamental da sua história, fundou a Sociedade Geral, a Tabaqueira, e já no final da vida a Companhia de Seguros Império, para citarmos apenas as que definem melhor as diversas etapas do seu itinerário. Protagonizou ainda momentos decisivos na Companhia Carris e na *cripto-história* dos projectos não concretizados, testemunhamos a sua tentativa de controlo da nascente Companhia Portuguesa Rádio Marconi em 1925.

No documento agora apresentado ficam depositadas informações relevantes para a história destas empresas, e de outras em que Alfredo da Silva interveio.

Por outro lado, a obra de industrial deixa inevitavelmente na penumbra, outras facetas, como a da intervenção política, desdobrada em três momentos distintos, no apoio de João Franco, Sidónio Pais e Oliveira Salazar. Aqui é possível seguir a coerência das opções políticas do biografado, sempre alinhado com governos autoritários, que dessem voz às reivindicações corporativas, que Alfredo da Silva em qualquer dos regimes encarnou nas suas três passagens por S. Bento.

Acrescente-se que a multiplicação das intervenções de Alfredo da Silva, que tiveram ainda outros cenários como a Sociedade de Geografia, as Associações Industrial Portuguesa e Comercial de Lisboa ou o Automóvel Clube de Portugal de que foi sócio-fundador, cedo nos consciencializaram de apenas podermos tratar parte da informação recolhida. O presente trabalho procurará, em última análise, fazer despertar a atenção para a necessidade de novos estudos, tanto em monografias relacionadas com as suas empresas a merecer tratamento individual, com natural destaque para a Companhia União Fabril, como em aprofundamentos temáticos da sua própria existência como empresário e político, que permita no futuro, novo investimento biográfico a realizar, então, com outra sustentação muito diversa da que encontrámos à partida.

Gostaríamos de poder acompanhar o biógrafo de Churchill, Martin Gilbert, ser o nosso objectivo nestas páginas oferecer ao leitor «um retrato completo e perfeito da vida» de Alfredo da Silva. Naturalmente que o presente trabalho é, apenas, um primeiro e incompleto contributo, que trabalhos futuros poderão melhor avaliar.

Enunciemos, agora, os principais acervos documentais a que recorreremos.

Pese embora a inexistência de qualquer arquivo pessoal de Alfredo da Silva, foi-nos facultado pela família um conjunto de documentação descontinuada, reunida no contexto do presente trabalho, que constituiu uma fonte importante

para o entendimento da última fase da vida do industrial, nomeadamente na questão da crise Totta⁵.

O Arquivo da CUF-SGPS, nomeadamente os conjuntos de livros de actas da Assembleia geral e da Administração da Companhia União Fabril constituíram um segundo grupo de importância nuclear, ficando muito longe de uma exploração satisfatória a informação que encerram, particularmente do ponto de vista do progressivo desenvolvimento tecnológico da empresa, aspecto que não constituiu prioridade no desenho do presente estudo⁶.

Um terceiro conjunto que gostaríamos de sublinhar foi levantado no Arquivo Histórico do Banco de Portugal, importante, sobretudo, no início da carreira de Alfredo da Silva e no período crítico de 1929-1934.

Para o ciclo do exílio pudemos aceder ao arquivo de família de José Paes Borges, gerente da Casa Totta, que constitui um valioso instrumento de trabalho para o período em questão relativamente ao qual escasseavam elementos sólidos de consulta⁷.

Foram ainda desenvolvidas investigações nos fundos do Public Record Office de Londres, que nos ofereceram esclarecimentos mais rigorosos sobre o ponto de vista britânico relativamente à inclinação germanófila de Alfredo da Silva, em particular no período relativo à Primeira Guerra Mundial, investigações que se prolongarão e de que a seu tempo daremos a necessária divulgação.

O Arquivo Salazar, conservado na Torre do Tombo, e os arquivos da Companhia Carris de Ferro de Lisboa constituem as últimas colecções documentais que queremos salientar como preponderantes na investigação realizada.

O padrão adoptado na presente edição não permitirá que disponibilizemos toda a informação levantada. Parte da documentação recolhida encontra-se disponível para consulta na página do Centro de Estudos de História Empresarial: www.universidade-autonoma.pt/cehe.

Merece ainda uma nota particular de destaque a monografia não publicada de António Dias Miguel sobre Alfredo da Silva que constitui uma fonte importante em alguns períodos mais nublosos da vida do industrial particularmente nos capítulos da sua infância e juventude.

Finalmente procurámos complementar a informação documental recolhida, com um conjunto de entrevistas realizadas junto dos familiares mais chegados de Alfredo da Silva que ainda mantinham recordações directas do seu convívio. Face ao espaço de tempo já entretanto passado, recorde-se que Alfredo da Silva morreu em 22 de Agosto de 1942, os depoimentos valem, sobretudo, pelo lado humano e emocional que revelam. Destaquem-se deste conjunto os contributos dos três netos de Alfredo da Silva a que recorreremos pontualmente.

Como referimos anteriormente, da componente colectiva deste trabalho merecem destaque alguns contributos que passamos a enumerar. Na distribuição de tarefas coube a Paulo Jorge Fernandes o desenvolvimento dos períodos relativos ao Franquismo e ao Sidonismo, para além do acompanhamento da história da CUF entre 1898 e 1919. O extenso capítulo relativo ao exílio de Alfredo da Silva foi trabalhado por Carolina Peralta Trewinnard. À Cristina Dias coube o desenvolvimento da pesquisa relativa à reconstituição das anteriores gerações das famílias Silva e Laymé. Devem-se-lhe, igualmente, as entradas relativas à Companhia Carris de Ferro de Lisboa, Sociedade Geral, Companhia dos Gados, entre outras. As questões relacionadas com as várias fases da educação de Alfredo da Silva foram tratadas por Patrícia Rodrigues que procedeu igualmente aos levantamentos efectuados no Arquivo Histórico Parlamentar. A investigação nos periódicos foi realizada pelos estagiários do programa PRODEP para recém-licenciados do curso de História da Universidade Autónoma de Lisboa, Bruno Castro Pereira e Alexandra Henriques.

Lurdes Baptista conduziu a pesquisa fotográfica destinada à selecção das ilustrações para a presente edição. Victor Sobral foi responsável pelas pesquisas preliminares efectuadas no Arquivo Histórico e Diplomático do ministério do Negócios Estrangeiros e Steven Smith procedeu ao levantamento documental realizado no Public Record Office em Londres. Nos levantamentos genealógicos contámos com o apoio de Marcos Soromenho e da pesquisa efectuada por Ana Paula Tudela, que também conduziu investigações nos arquivos da CUF-SGPS e Quimigal.

A realização deste trabalho contou com um elevado número de apoios, a quem nos cumpre deixar uma referência de reconhecimento. Agradecemos a Fátima Salgueiro (Museu Escolar Marrazes — Leiria); a João Hipólito, Director do Departamento de Psicologia e Sociologia da UAL e aos membros da sua equipa Catarina Lopes, Miguel Tecedeiro, Paula Pires e Rute Brites pelo perfil psicológico de Alfredo da Silva que realizaram a nosso pedido; José La-Grange (Museu Carris); Maria de Lurdes Monteiro e Guilhermina Alpalhão (Arquivo da Carris), Fernando Faria (Arquivo da Escola Secundária Passos Manuel), Paulo Tremeceiro (responsável pelo arquivo do Ministério do Reino do IAN/TT); Luísa Braga (responsável pelo arquivo Burnay do IAN/TT); Judite Cavaleiro Paixão (Tribunal de Contas); Mário Alberto Nunes Costa (Academia Portuguesa

«A quoi bon raconter une histoire qui ne porte pas en elle le poids inimitable du vrai? A quoi bon des Mémoires imaginaires, de fausses anecdotes, des phrases qui se trompent de bouche, des souvenirs pittoresques? Le poids mort de l'inexactitude accable de fatigue.»

JEAN COCTEAU